

Fé: ou se acredita ou não.



Em mais de uma ocasião na vida, quando tudo parecia conspirar contra, o jogo virou aos 45 de segundo tempo – inexplicavelmente.

Mas é claro que, se fizer um esforço de memória, lembrarei de ter pensado, acreditado e argumentado intensamente com alguém e algo que sempre senti por perto. E de ter sido atendida.

Há dois anos atrás, no dia de Natal, no final da tarde, deitada no sofá em frente a TV olhei para o telefone e pensei em ligar para meu pai, com quem não falava há dois dias. Lembrando que o veria logo mais à noite, me entreguei à preguiça e cochilei.

Acordei com o toque do telefone e meu irmão chamando: papai

não estava bem e era bom ir pra lá logo. Cheguei em casa afobada (curioso como a casa em que a gente cresce, será sempre "em casa").

Papai estava sentado em seu lugar em frente a TV, olhos fechados com uma expressão de paz no rosto e, já do outro lado da Vida, parecia muito melhor do que na última semana, em que se queixava de falta de ar.



Papai e eu na gravação do programa "Festa Baile" em 1986

Partiu aos 84 anos, sem sofrer e acordou do outro lado. Max, o belo labrador marrom continuava a seus pés. Mamãe mais tarde me disse que, na véspera, meu pai comentara que o cão havia passado o dia muito estranho, que se continuasse assim o levaria ao veterinário depois do Natal.

Nos últimos anos, vinha me despedindo de papai praticamente todos os dias – de puro medo dessa despedida derradeira.

Pode parecer um enorme contra senso e uma heresia para alguns, mas, naquele Natal soube que não me haviam privado de meu pai – que cumprira tão bem sua missão por aqui.

Alguém do além havia dado a ele, e a todos que o amaram, o enorme presente de uma morte digna e tranquila.

Nos dias que se seguiram, uma estranha força me acompanhou. E Agradei tanto essa graça que a saudade se revestiu de paz.